

Clemens Heller e a institucionalização das “Áreas Culturais” na École Pratique des Hautes Études (EPHE) da Universidade de Paris

WALTER PRAXEDES*

Resumo: Com a perspectiva da sociologia da ciência, este artigo apresenta uma revisão bibliográfica que recoloca em discussão o processo de institucionalização das “Áreas Culturais” como uma divisão de pesquisas da 6ª Seção da *École Pratique des Hautes Études* da Universidade de Paris, em meados da década de 1950. O objetivo deste trabalho é abordar a contribuição de Clemens Heller para a articulação do apoio das agências governamentais e instituições filantrópicas norte-americanas aos processos de expansão da pesquisa e do ensino em ciências sociais na França e internacionalmente, na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Sociologia da ciência; Clemens Heller; Áreas Culturais; Fundação Rockefeller.

Abstract: With the perspective of the sociology of science, this article presents a bibliographic review that brings back into discussion the process of institutionalization of the “Cultural Areas” as a research division of the 6th Section of the *École Pratique des Hautes Études* of the University of Paris, in the 1950s. The objective of this work is to address Clemens Heller's contribution to the articulation of support from North American governmental agencies and philanthropic institutions to the processes of expansion of research and teaching in social sciences in France and internationally, in the second half of the twentieth century

Key words: Sociology of science; Clemens Heller; Cultural Areas; Rockefeller Foundation.



* WALTER PRAXEDES é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM); coautor, com Nelson Piletti, de *Dom Helder Câmara: o profeta da paz* e *Principais correntes da Sociologia da Educação: autores e temas clássicos e contemporâneos* (Editora Contexto).

Introdução

Como administrador de instituições científicas, Clemens Heller (1917-2002) realizou uma trajetória que representou uma significativa contribuição para a reorganização das ciências sociais francesas e internacionais em perspectiva multilateral e interdisciplinar no contexto histórico da segunda metade do século XX. Como afirmou Roger Chartier (2017, p. 40), a política científica implementada por Clemens Heller teve “um papel essencial nas transformações das ciências sociais após a Segunda Guerra Mundial”.

No desenvolvimento do projeto de pesquisa institucional intitulado “Contribuições para uma sociologia da ciência: um estudo sobre a trajetória de Clemens Heller como administrador de instituições de pesquisa no campo científico francês (1952-1992)”, no âmbito do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, em um trabalho anterior apresentamos uma discussão sobre as subvenções financeiras da Fundação Rockefeller às atividades de pesquisa e ensino nas ciências sociais francesas na década de 1930, até a eclosão da Segunda Guerra Mundial (PRAXEDES, 2021a), e que ocorreram, portanto, em um período anterior à chegada de Clemens Heller para trabalhar na 6ª Seção da *École Pratique des Hautes Études* da Universidade de Paris.

Em um trabalho posterior abordamos o início da trajetória de Clemens Heller, correspondente ao período entre o final da década de 1940, em que ocorre a sua atuação como fundador do Seminário de Salzburg, até a sua chegada a Paris (PRAXEDES, 2021b), para iniciar um trabalho de pesquisa sobre “a história do comércio e de seu financiamento no mar Mediterrâneo” (LEPENIES, 2017, p. 19), sob a orientação de Fernand

Braudel, que estava prestes a publicar a sua obra clássica “La méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II” (BRAUDEL, 1949). Como sintetizou, Maurice Aymard, Heller rapidamente renunciou “a toda pesquisa pessoal e ao ensino para se consagrar exclusivamente ao lado de Braudel à “administração científica”: uma coisa muito importante, aos olhos de ambos, para ser deixada aos funcionários de administração, e que deveria ser guiada por uma verdadeira política de pesquisa e ensino da pesquisa” (AYMARD, 2017a, p. 74).

Nomeado Diretor de Estudos entre o final de 1951 e início de 1952, Clemens Heller se torna subdiretor da VIª Seção da École Pratique des Hautes Études (EPHE) da Universidade de Paris, em 1955, quando funda e passa a dirigir a Divisão de Áreas Culturais, até 1973 (LEPENIES, 2017, p. 19). Este artigo discute como, ao fundar e dirigir as “Áreas Culturais” no interior da VI seção da EPHE, a partir de 1955, Clemens Heller, embora com autonomia e flexibilidade diante de um contexto intelectual e político diferente, e criatividade institucional, acompanhou de perto o modelo das “Área Studies” norte-americanas (AYMARD; BRUHNS; NETTELBECK, 2017, p. 8), colocando em prática uma concepção de gestão da pesquisa científica vinculada com a forma de organização administrativa da instituição que a promove.

Clemens Heller já mantinha contato com a Fundação Rockefeller desde a criação do Seminário de Salzburg e, a partir de 1954, começou a negociar com a Fundação o financiamento ao um novo programa de Estudos de Área. As primeiras conversas de Heller com o Fundação sobre um possível programa de estudos de áreas em Paris ocorreram

no final de 1954. Segundo Anne Kwaschik (2016, p. 13) “Heller era então o encarregado de cours no Centre de Recherches Historiques da EPHE, e estava muito entusiasmado com o futuro do centro sob a direção de Braudel e sobre a adoção das áreas de estudos como foco de pesquisa. Assim, ele apresentou aos delegados do Fundação Rockefeller uma série de projetos que eles poderiam estar dispostos a financiar em primeira instância. Na verdade, eles não estavam interessados em nenhum deles”, continua Kwaschik, por considerá-los excessivamente histórico-filológicos. De fato, como apontou Brigitte Mazon (1985, p. 337), desde o início da década de 1930 a Fundação Rockefeller tentava influenciar nas “orientações temáticas e metodológicas” e modificar “profundamente os trabalhos de pesquisa das ciências sociais francesas”, visando a formação de “jovens pesquisadores universitários familiarizados com métodos de observação e trabalho empírico”. Para os representantes das fundações filantrópicas norte-americanas, as influências pretendidas sobre o ensino e a pesquisa científica na França não se tratavam apenas de apoio financeiro, mas sim uma experiência de busca de uma “reforma do rígido sistema educacional francês”. (POPA, 2019, p. 129)

1. O contexto histórico da Áreas Culturais

O contexto histórico da Guerra Fria, logo após a Segunda Guerra mundial, levou a que o governo norte-americanos investisse na formação de estudiosos sobre as diferentes regiões do planeta. De acordo com Ludovic Tournès, o antigo Office of Strategic Services (OSS), agência governamental precursora da CIA, desde 1942 passou a investir na consolidação de uma divisão de “Research & Analysis”, em parceria

com as maiores universidades americanas, envolvendo cerca de 900 especialistas, que passaram a atuar como professores, pesquisadores universitários, administradores e diplomatas, com formação nas disciplinas de psicologia, história, filosofia, sociologia, linguística, ciência política, relações internacionais, economia etc., para trabalhar nos países da Europa, África, Extremo-Oriente, América Latina e URSS, cada qual “encarregado de realizar os estudos sobre as regiões concernentes, tanto em seus aspectos políticos, quanto geográficos, econômicos e sociais, a fim de acumular informações sobre as quais poderia se apoiar a política estrangeira americana”. (TOURNÈS, 2011, p. 132)

Como descreveu Ioana Popa, após o fim da Segunda Guerra Mundial os chamados “Estudos de Área” se transformaram em uma forma de institucionalizar os

[...] programas de formação e pesquisa que pretendem recompor e cruzar em torno de uma “área” (geográfica ou “civilizacional”) diferentes contribuições disciplinares e metodológicas para oferecer uma compreensão global dos fenômenos sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos relacionados a esses espaços. Fortemente apoiado por fundações filantrópicas americanas, e em particular pela Rockefeller Foundation, bem como pelo governo americano, esse modo específico de produção e organização do conhecimento experimentou um boom particular nos Estados Unidos a partir da década de 1940, incluindo a necessidade de especialização em espaços estrangeiros considerados, para alguns, como desconhecidos, distantes, até “inimigos”, e necessidade de conhecimento aplicado, a fortiori num contexto de

(decorrente) de guerra mundial, depois de guerra fria. (POPA, 2017, p. 103-104)

Uma fundação como a Rockefeller, por exemplo, ao investir nas “Área Studies” cerca de 800 mil dólares na Universidade de Colúmbia, entre 1946 e 1954, visava formar “especialistas no ‘enigma russo’ que constitui o ‘problema número um da política mundial” (ROCKEFELLER FOUNDATION apud TOURNÈS, 2011, p. 333). Nas décadas de 1950 e 1960, as Fundações Rockefeller e Ford investiram cerca de 200 milhões de dólares nos Estados Unidos e no exterior para sustentar esses chamados “area studies” interdisciplinares de pesquisa e ensino em ciências sociais. (TOURNÈS, 2011, p. 333)

2. A criação das Áreas Culturais na França

Fernand Braudel e Clemens Heller iniciam, em 1954, as conversações para a criação das Áreas Culturais na VIª Seção da École Pratique des Hautes Études com Edward F. D’Arms, então diretor da Divisão de Humanidades da Fundação Rockefeller. Como sintetizou Benest (2019, p. 163), do lado francês o interesse em “desenvolver institucionalmente a VIª Seção da EPHE permitiu a flexibilidade necessária para fazer evoluir o programa; do lado americano, o objetivo era de estudar as zonas comunistas do período da Guerra Fria”. Em correspondência enviada a Edward D’Arms em 29 de agosto de 1955, Heller expõe o projeto de expansão da 6ª Seção da EPHE, visando a criação de uma instituição voltada para o ensino e a pesquisa em Ciências Sociais:

O efeito de apoio aos Estudos de Área deve ir muito além de sua finalidade imediata; e deveria ter efeitos que ultrapassem as fronteiras da França; ao abrigo dos programas

de área prosseguiriam uma reforma dos estudos sociológicos e antropológicos na França, e dos estudos das ciências sociais em geral, que acabará por terminar na transformação da 6ª seção em contrapartida da London School of Economics, ou na criação de uma faculdade de ciências sociais. Nosso projeto criaria os quadros que justificam a criação dessas novas formas. (Clemens Heller a Edward D’Arms, 29 de agosto de 1955, apud BENEST, 2019, p. 164).

Clemens Heller tinha consciência sobre o momento histórico propício para o estabelecimento da inovação organizacional científica baseada em uma convergência entre as orientações metodológicas, epistemológicas e temáticas representada pela instalação da Divisão das Áreas Culturais na 6ª Seção da EPHE. Além do apoio obtido junto às fundações filantrópicas norte-americanas, o Governo francês também apoiava decididamente a iniciativa, como pode ser demonstrado pela nomeação de Gaston Berger para a Direção Geral de Ensino Superior do Ministério da Educação, em 1952, que trabalhou pela destinação dos recursos públicos que cobriram cerca de 71% do orçamento das Áreas Culturais, a partir de 1958, com a nomeação de dezenas de professores e pesquisadores para os cargos de diretores de estudo. (POPA, 2019, p. 124)

O apoio governamental possibilitou uma potencialização do apoio das fundações filantrópicas para as Áreas Culturais da EPHE, e vice versa. Como resultado dessas tratativas, em 1955, o Conselho de Administração da Fundação Rockefeller e sua Divisão de Humanidades concedem um financiamento de 60 mil dólares, segundo Benest (2019, p. 164), o equivalente a mais de 465 mil euros em

2019, por um período de dois anos: “Esses fundos devem financiar “o desenvolvimento de estudos asiáticos, Eslavos Islâmicos, sob a direção do Professor Fernand Braudel”. (BENEST, 2019, p. 165; TOURNÈS, 2011, p. 344). Uma nova dotação de 80 mil dólares é realizada pela Divisão de Humanidades da Fundação Rockefeller visando a implementação das Áreas Culturais da EPHE nos anos de 1958 a 1960. (TOURNÈS, 2011, p. 344; DAIX, 1999, p. 350)

Ainda nos anos de 1954-55 são contratados novos diretores de estudo para a 6ª Seção da EPHE como Georges Balandier, especialista nos estudos sobre a África; Jacques Soustelle, estudioso dos astecas; Louis Dumont, pesquisador sobre a Índia; Jacques Berque, dedicado ao Islam; Jaques Gernet, Etienne Balazs,

Jean Chesneaux e Vadime Elisseef, dedicados às pesquisas sobre a China e o Japão. (TOURNÈS, 2011, p. 342)

Na mesma época, Clemens Heller viaja para os Estados Unidos para dar continuidade às negociações com os agentes da Fundação Rockefeller para implementar um programa de pesquisas inicialmente denominado “Estudos Regionais”, mas que passará a ser chamado de “Áreas Culturais” a partir de 1959. Financiados por bolsas concedidas pela Rockefeller, em 1955, Fernand Braudel e sua esposa Paule viajam aos Estados Unidos, acompanhados dos especialistas nos estudos sobre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) Jean Train e Henri Chambre, para visitar os departamentos dedicados às “Área Studies” das universidades americanas.

Quadro - Criação de centros de pesquisa e de documentação – Divisão de áreas Culturais da 6ª Seção da EPHE

1955 - Centre d'études indiennes
1956 - Centre d'études chinoises
1957 - Centre d'études arctiques
1958 - Centre d'études africaines
1959 - Centre d'études maghrébines
1959 - Centre de documentation sur la Chine
1959 - Centre d'études sur l'URSS et les pays slaves
1959 - Centre d'études de documentation sur l'URSS et les pays slaves
1960 - Centre de linguistique chinoise (deviendra le Centre de recherches linguistiques sur l'Asie orientale en 1971)
1962 - Centre de documentation et de recherches sur l'Asie du Sud-Est et le monde insulindien
Affiliation temporaire à la Division des Aires culturelles:
1958 - Centre de sociologie européenne
1960 - Laboratoire d'anthropologie sociale

Fonte: (Popa, 2019, p. 122)

Ludovic Tournès chama a atenção para uma divergência bastante significativa que impôs um intenso debate entre os negociadores franceses Braudel e Heller e os representantes da Fundação Rockefeller, quanto à presença do intelectual comunista Jean Chesneaux entre os estudiosos nomeados para participar do programa Áreas Culturais da 6ª Seção. Clemens Heller teve que convencer Edward D'Arms, o responsável pela Divisão de Humanidades da Fundação Rockefeller, que deveria ser mantida a contratação de Chesneaux, pois considerava que “o pluralismo político constitui a melhor resposta possível àqueles que acusam a VIª Seção de ser um fio de transmissão do imperialismo intelectual americano na França”. A presença de Chesneaux ajudava a neutralizar as críticas da esquerda comunista. Braudel e Heller também asseguraram a Edward D'Arms que ambos ficariam atentos para impedir que “os comunistas realizassem um estrangulamento dos programas onde participam.” (TOURNÈS, 2011, p. 343-34)

Brigitte Mazzon (1988, p. 147), também afirma que “o pluralismo político da VIª Seção seria uma resposta à acusação de ‘vendidos aos americanos’ [...] e para deixar claro o caráter universitário e não-político do programa [sobre Áreas Culturais] seria mais hábil incluir nele personalidades de todas as tendências (desde o jesuíta Chambre até o comunista Chesneaux.” (MAZZON, apud DAIX, 1999, p. 349)

Os resultados dessa negociação foi a concessão do financiamento pela Fundação Rockefeller para a VIª Seção, mas com a condição de que Braudel dirigisse pessoalmente o programa sobre as Áreas Culturais e que se essa condição não fosse atendida a Fundação deixaria “de estar comprometida” com a

manutenção da cooperação entre ambas as instituições (MAZZON, 1988, p. 130).

Como sintetizou Serge Benest, o interesse da Fundação Rockefeller de conceder o seu apoio financeiro para as “Áreas Culturais” das 6ª Seção era acadêmico e político e deveria ser dimensionado como uma iniciativa da diplomacia cultural norte-americana no contexto histórico posterior à Segunda Guerra Mundial:

O contexto da Guerra Fria explica a vontade de relançar este tipo de estudo sobre os inimigos – China e Rússia [...] Em relatórios de apoio para a concessão de uma bolsa de estudos para o programa, D'Arms enfatiza o desejo de que o conhecimento produzidos não fiquem compartimentados dentro do mundo acadêmico: “Uma parte dos participantes [do programa] têm o desejo de produzir conhecimento objetivo sobre a União Soviética acessível a um público mais amplo [...] o grupo da Sexta Seção espera que os projetos de pesquisa e material coletado no âmbito do programa russo serão usado por outros membros da imprensa e possivelmente também pelo governo francês.” Assim, o conhecimento produzido tinha a ambição de ser levado para fora do mundo acadêmico nas esferas decisórias – o governo – ou de influência – a imprensa. (BENEST, 2019, p. 166)

De acordo com a análise de Ionna Popa (2016, p. 131), “Heller desempenhou um papel constante na manutenção de vínculos com fundações americanas e na aquisição de influentes conexões estrangeiras que moldariam o desenvolvimento da Divisão de Estudos de Área”. O trabalho realizado por Clemens Heller contava com o apoio direto de Philip Mosely, que era

Professor da Universidade de Columbia e diretor do Instituto de Estudos Russos na década de 1950 na mesma universidade, e que se tornou “um interlocutor e um conselheiro constante, muito atento e informado”, segundo Popa (2017, p. 116). Mosely era considerado “um dos mais influentes conselheiros da Fundação Rockefeller” (POPA, 2019, p. 139), também já havia atuado “como chefe do Conselho Político na Seção de Estudos do Departamento de Estado dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, intimamente ligado a órgãos governamentais” (POPA, 2016, p. 131), “incluindo a CIA”. (POPA, 2017, p. 116)

A colaboração entre Heller e Mosely havia nascido ainda durante o processo de organização do seminário de Salzburgo, em 1946-47, mas foi restabelecida com mais intensidade graças à intermediação realizada pela antropóloga Margaret Mead, antiga amiga de ambos, também da época do seminário de Salzburgo.

Assim, Mosely seguiu de perto o Projeto e atividades de “estudos de área” da VIª Seção da EPHE. Sua opinião foi particularmente influente nas decisões da Fundação Rockefeller para financiar este programa. Ele considerou seu programa russo como ‘talvez o mais promissor’ de todos os programas de estudos de área propostos pela EPHE 6th Section. Mosely também aconselhou Heller e recomendou-o para a liderança americana e especialistas europeus. Esses contatos ajudaram na socialização profissional dos membros do Centro de Estudos sobre a URSS e os Países Eslavos que Heller e Braudel viria a estabelecer. Em 1955, Heller, após consultar Mosely, convenceu a RF a conceder bolsas individuais a Braudel, ao economista Henri Chambre e ao linguista Jean Train,

tendo os dois últimos participado na criação do programa russo. Essas visitas destinavam-se a familiarizar os estudiosos franceses com a organização das Area Studies nos EUA antes de criarem programas semelhantes de treinamento e pesquisa em Paris – e antes de um possível co-patrocínio da RF. Eles também proporcionaram a oportunidade de discutir, enfim, os desafios específicos enfrentados pelo lançamento do programa francês. (POPA, 2016, p. 131).

Além de uma concepção cosmopolita e interdisciplinar de conhecimento, Clemens Heller conhecia o mundo das finanças internacionais e era um eficiente administrador, competências que o levaram da posição de chefe dos Estudos de Área da EPHE, depois se tornando um dos fundadores e vice-diretor da *Fundation Maison des Sciences de l’Homme*, a partir de 1966, e diretor da instituição após o falecimento de Braudel, em 1985, até o seu afastamento do trabalho por problemas de saúde, em 1992.

Heller realizou as negociações adotando a atitude pragmática de persuadir os acadêmicos a redirecionarem suas pesquisas visando atender às expectativas dos financiadores americanos, uma vez que, tanto ele quanto Braudel, acreditavam que as instituições científicas francesas necessitavam de uma renovação (KWASCHIK, 2016, p. 17). Por outro lado, ambos buscavam persuadir os negociadores da Fundação Rockefeller a respeitarem o estilo de trabalho dos acadêmicos franceses. Este trabalho de intermediação realizado por Heller, com a participação direta de Braudel nas negociações, buscava resistir à pressão epistemológica e política para a imposição de uma prática científica “orientada para o controle social”, como

avaliou Pierre Bourdieu, no prefácio que escreveu para o livro de Brigitte Mazon (1998) sobre a história da *École des hautes études en sciences sociales*. Ainda segundo Bourdieu, Braudel e Heller também usaram a estratégia inversa de resistir às pressões das instituições científicas tradicionais, e “escoraram-se no financiamento estrangeiro, que liberta dos constrangimentos da burocracia universitária para criar [...] uma instituição que ignorava as oposições entre faculdades e disciplinas, misturando economistas das faculdades e historiadores das faculdades de letras, e que desprezava as hierarquias entre as camadas da nobreza universitária, desse modo oferecendo um asilo único aos pesquisadores que por sua origem estrangeira ou por alguma razão, não haviam seguido o cursus canônico, École Normale e agregação. Tudo isso em nome de uma verdadeira política científica. (BOURDIEU, 1988, p. I-II)

Considerações finais

Realizando uma avaliação de conjunto sobre sua atuação nesse processo de negociação com as fundações filantrópicas norte-americanas, Anne Kwaschik considera que Clemens Heller “...foi o principal interlocutor responsável por garantir o funcionamento bem-sucedido do projeto” [das Áreas Culturais], “sem suas habilidades de gestão criativa, seu conhecimento íntimo das culturas acadêmicas envolvidas e sua proficiência em inglês, a cooperação com as fundações americanas dificilmente levariam à criação da Maison des Sciences de l’Homme.” (KWASCHIK, 2016, p. 19)

Mesmo participando ativamente da escola de Braudel, de acordo com

Fridenson (2020, p. 71), “Heller tinha sua própria agenda transatlântica”, atuando como administrador de instituições científicas e impulsionando inúmeras iniciativas acadêmicas de muitos professores e pesquisadores que realizaram suas obras acadêmicas na segunda metade do Século XX.

Como afirmamos em um trabalho anterior (PRAXEDES, 2021b, p. 354), desde o início de sua trajetória no campo científico francês, Clemens Heller atuou pela busca de uma mediação entre as demandas dos professores e pesquisadores universitários por recursos para a pesquisa junto às Fundações Filantrópicas norte-americanas, principalmente Rockefeller e Ford, e, segundo as palavras de Fridenson (2020, p. 66), a implementação de uma concepção política de ciências sociais favoráveis à difusão da influência política e cultural dos EUA no contexto histórico da Guerra Fria.

Referências

- AYMARD, Maurice. “Braudel et Heller”. In: BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l’homme*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme, 2017a.
- _____. “In memoriam Clemens Heller (1917-2002)”. *Social Science Information*. Vol. 42. N. 3 London, 2003.
- AYMARD, M.; BRUHNS, H.; NETTELBECK, J. “Préface”. In: BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l’homme*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme, 2017.
- BENEST, Serge. *Recomposition de l’ordre disciplinaire et analyse des faits économiques: le cas de la VIe Section et de l’École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Economies et finances*. Université Paris Saclay (COMUE), 2019.
- BERG, Maxine. *Dialogues est-ouest: les historiens économistes, la Guerre Froide et la*

Détente. La Découverte. | « Le Mouvement Social » 2017/2 n° 259 | pages 33 a 58

BOURDIEU, Pierre. “Préface”. In: Brigitte Mazon, *Aux origines de l'École des hautes études en sciences sociales. Le rôle du mécénat américain (1920-1960)* (préface de Pierre Bourdieu, postface de Charles Morazé), Paris, Éditions du Cerf, 1988, 190 p.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo, Perspectiva, 2014.

_____. La Méditerranée et le monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II. Paris Lib. Armand Colin, 1949.

BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l'homme*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2017.

CHARTIER, Roger. “La musique et l'avie”. In: BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l'homme*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2017.

DAIX, Pierre. *Fernand Braudel uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FRIDENSON, Patrick. Clemens Heller et les échanges transatlantiques dans le domaine des sciences sociales et des institutions de la recherche. Presses Universitaires de France. *Relations internationales* » 2020/1 n. 181 | pp. 65-85. Article disponible en ligne à l'adresse: <https://www.cairn.info/revue-relations-internationales-2020-1-page-65.htm>. Acesso em 13/04/2021

_____. “L'agilité et la créativité d'un homme dans le monde des organisations”. In: BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l'homme*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2017.

KWASCHIK, Anne. Transatlantic Exchanges: Fernand Braudel, the Rockefeller Foundation and the Cold War Origins of the Center for Area Studies in Paris In: La guerre froide et l'internationalisation des sciences: Acteurs, réseaux et institutions [en ligne]. Paris: CNRS Éditions, 2016.

LEPENIES, Wolf. “Une personnalité, c'est une institution à elle seule. Souvenirs à propôs de Clemens Heller”. In: BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l'homme*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2017.

MAZON, Brigitte. *Aux origines de l'École des hautes études en sciences sociales. Le rôle du mécénat américain (1920-1960)* (préface de Pierre Bourdieu, postface de Charles Morazé), Paris, Éditions du Cerf, 1988, 190 p.

_____. La Fondation Rockefeller et les sciences sociales en France, 1925-1940. In: Revue française de sociologie, La sociologie française dans l'entre-deux-guerres. Etudes et documents réunis par Philippe Besnard. 1985, 26-2. pp. 311-342;

MEAD, Margaret. The Salzburg Seminar on American Civilization 1947 (Report by Margaret Mead to the Harvard Student Council). Disponível: em: https://www.salzburgglobal.org/fileadmin/user_upload/Documents/General_SGS_Documents/1947_MeadArticle.pdf

NETTELBECK, Joachim. Mission possible - Clemens Heller und das Salzburg Seminar. Zeitschrift für Ideengeschichte Heft XI/4 Berlin, Winter 2017, pp. 122-127

PLESKOFF, Isabelle. Hommage à Clemens Heller (1917-2002). www.archivesaudiovisuelles.fr/115/textes/t_Pleskoff.htm Acesso em 04/05/21

POPA, Ioana. L'attrait d'un label souple. Les « aires culturelles » au prisme des programmes d'enseignement supérieur français après la Seconde Guerre mondiale. « *Revue d'anthropologie des connaissances* » 2019/1 Vol. 13, N°1 | pages 113 à 145 DOI 10.3917/rac.042.0113 Article disponible en ligne à l'adresse: <https://www.cairn.info/revue-anthropologie-des-connaissances-2019-1-page-113.htm> Acesso em: 15/06/22

_____. «Ressources biographiques et configurations d'acteurs. Une perspective d'analyse sur l'institutionnalisation des études sur les aires culturelles à la 6e Section de l'EPHE », In: BRUHNS, Hinnerk; NETTELBECK, Joachim; AYMARD, Maurice. *Clemens Heller, Impresario des sciences de l'homme*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2017, pp. 95-125

_____. « Aires culturelles et recompositions (inter)disciplinaires. La 6e Section de l'EPHE et les études sur l'espace russe, soviétique et est-européen », *Actes de la recherche en sciences sociales*, nr. 210, 2015, pp. 61-81.

_____. “International Construction of Area Studies in France during the Cold War: Insights from the École Pratique des Hautes Études Sixth

Section”, *History of the Human Sciences*, Vol. 29(4-5), 2016, pp. 125-150.

PRAXEDES, Walter. (2021a). “A Fundação Rockefeller, o financiamento e a orientação temática e metodológica das pesquisas nas ciências sociais francesas na década de 1930”. *Revista Espaço Acadêmico*, 21 (229), 264-274. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/59233>

_____. (2021b). “Clemens Heller: do Seminário de Salzburg à Sexta Seção da École Pratique de Hautes Études (EPHE)”. *Revista Espaço Acadêmico*, 21 (230), 345-355. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60483>

ROCKEFELLER FOUNDATION. The Rockefeller Foundation Annual Report J7 1948. (Printed in the United States of America 2003).

TOURNÈS, Ludovic. Sciences de l’homme et politique Les fondations philanthropiques américaines en France au xxe siècle. Paris: Classiques Garnier, 2011.

Recebido em 2023-01-31
Publicado em 2023-03-13